

Fotografia, memória e temporalidade¹

Lucas Mourão TAVARES²

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O presente realiza uma abordagem teórica buscando estabelecer uma reflexão sobre a relação entre fotografia, temporalidade e memória. Além disso, busca debater como a influência da fotografia enquanto forma de representação visual da memória é capaz de produzir significados e alcançar realidades temporais. Para tanto, optou-se por realizar uma revisão de literatura por intermédio da qual se objetivou refletir sobre a temporalidade e a memória a partir da releitura das teorizações de célebres estudiosos do campo relativo à fotografia. O estudo nos leva a entender que a temporalidade é essencial para a compreensão da memória como um processo complexo e dinâmico.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; memória; tempo; narrativa.

INTRODUÇÃO

Entre as representações visuais, a fotografia tem ocupado um lugar central nas práticas contemporâneas do cotidiano. É importante entender o papel das representações visuais como ferramentas na construção de significados e como recurso mediador de sentidos entre passado, presente e futuro. A fotografia é uma forma de representação visual que vem ao longo do tempo desempenhando um papel fundamental na comunicação e documentação do cotidiano das mais diversas sociedades. No entanto, sua influência e *status* enquanto forma de representação visual são frequentemente debatidos e problematizados pelos estudiosos. Há de se refletir a fotografia como força representativa e sua influência à maneira como percebemos e entendemos o mundo ao nosso redor. Essa compreensão é um ponto de contato importantíssimo quando estudamos essa linguagem sob a perspectiva de registros de memória, pois a fotografia é utilizada como recurso e, por vezes, também como uma prova documental e testemunhal através do tempo. Sendo assim, uma fotografia pode desempenhar um importante papel na transmissão de significados.

Nesse sentido, Barthes (1984) afirma que a imagem permite a extração de múltiplos significados, pois carrega em si uma capacidade de trazer à tona sentidos e memórias. Susan Sontag (2004), por sua vez, trata as fotografias como linguagem

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2024). Bacharel em Jornalismo pela Universidade Candido Mendes (2024). Membro Pesquisador do Grupo de Pesquisa “Registros Visuais e Sonoros: Arquivo e Memória”, sediado na UNIRIO. Atualmente, atua como repórter fotográfico do Jornal O Globo.

capaz de alcançar realidades distantes e outrora desconhecidas. Portanto, a fotografia desempenha um papel capaz de ampliar nossa percepção sobre acontecimentos, pois possui o potencial de realizar uma interligação para outros lugares e tempos.

Barthes (1984), reconhece que fotografia é uma forma de representação que traz uma questão crucial: a realidade de quem a interpreta. Para o supracitado autor, a fotografia torna-se um testemunho documental, pois carrega uma dimensão temporal a partir do momento que captura o tempo através do registro da imagem. Quando discute a ideia de “*punctum*”, Barthes (1984) sinaliza que a fotografia pode ter uma dimensão afetiva e pessoal para uns e despertar apenas interesse geral para outros. Para uns pode ser “*punctum*”, e ter um significado afetivo e pessoal muito forte, para outros pode ser “*studium*”, onde a mesma fotografia pode despertar apenas um interesse geral. Essa subjetividade acontece porque cada pessoa faz sua interpretação daquele instante do tempo capturado na fotografia, levando em conta toda a carga de experiências, valores e sentidos pessoais, trazendo então uma interpretação subjetiva da fotografia. Conforme teoriza o estudioso:

Muitas fotos, infelizmente, permanecem inertes diante de meu olhar. Mas mesmo entre as que têm alguma existência a meus olhos, a maioria provoca em mim apenas um interesse geral e, se assim possui dizer, polido: nelas, nenhum *punctum*: agradam-me ou desagradam-me sem me pungir: estão investidas somente do *studium*. O *studium* é o campo muito vasto do desejo indolente, do interesse diversificado, do gosto inconsequente: gosto/não gosto. O *studium* é da ordem do *to like*, e não do *to love*; mobiliza um meio-desejo, um meio-querer; é a mesma espécie de interesse vago, uniforme, irresponsável, que tempos por pessoas, espetáculos, roupas, livros que consideramos “distintos”. (BARTHES, 1984, p. 47-48).

Portanto, enxergar a fotografia como ferramenta de representação visual da memória é entender sua capacidade na produção de significados e sua função mediadora de sentidos através do tempo. A capacidade da fotografia de produzir múltiplos significados e alcançar realidades distantes sempre estará sujeita também à interpretação e à busca por validação dessa interpretação. Assim, a investigação aqui proposta deve percorrer a teia de sentidos com um olhar crítico sobre o papel que a fotografia desempenha como registro de memória, considerando o poder de influência em opiniões e auxílio na construção de narrativas históricas. Para tanto, optou-se por realizar uma revisão de literatura por intermédio da qual se objetivou refletir sobre a temporalidade e a memória a partir da releitura das teorizações de célebres estudiosos do campo relativo

à fotografia, tais como Boris Kossoy e Susan Sontag, a título de menção. Diante disso, sem dúvidas há de se procurar responsabilmente a melhor compreensão do contexto de produção de fotografias e, simultaneamente, refletir de maneira cuidadosa sobre as dinâmicas sociais que envolvem a utilização desse recurso.

FOTOGRAFIA, TEMPORALIDADE E MEMÓRIA

Pensar o registro fotográfico como linguagem capaz de capturar um momento em um determinado contexto produção, que se transforma em objeto que corre no fluxo de significados sendo transportados através do tempo, leva-nos a refletir sobre o papel da fotografia no âmbito da temporalidade e de seu uso para construção de memória de indivíduos ou grupos sociais. Pensar a fotografia para além de um ato testemunhal possibilita expandir sua relação com objetivos de pesquisas que se utilizam da fotografia para entender a temporalidade de fatos, objetos e pessoas retratadas. Ademais, é um convite para pensar a temporalidade do ato fotográfico e da fotografia em si, como algo que precisa ser preservado como expressão visual da memória.

Barthes (1984) colabora para a reflexão sobre a relação entre fotografia, temporalidade e memória. Ele reconhece que a fotografia é um meio que transcende sua função apenas documental, pois desempenha uma função social importante na construção da memória, seja ela coletiva ou individual. Portanto, há de se pensar em todas as implicações culturais e temporais que cada fotografia carrega. Para ele, a natureza temporal da fotografia reside no fato da capacidade em capturar o tempo em um instante, preservando-o de maneira indefinida, enquanto o próprio tempo continua avançando, afirmando: “O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorre uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, p. 13, 1984). Por isso, a fotografia é uma representação visual-temporal, ou visual da temporalidade, pois é capaz de capturar um fragmento do tempo e o transforma em suporte para a construção de evidências de memórias, que correm nas teias de lembranças e esquecimentos, entre passado e presente. Essa é uma relação complexa entre fotografia, tempo e memória, mas que invariavelmente se entrelaçam e influenciam-se.

Sontag (2004) aponta para uma perspectiva em que a fotografia tem a possibilidade de preservar a memória, documentando acontecimentos e tornando-os tangíveis. A fotografia, portanto, é capaz nos levar ao passado, permitindo que indivíduos tenham a experiência de testemunhar visualmente acontecimentos que

seriam impossíveis de serem vivenciados por eles. Diante disso, a fotografia contribui para a elaboração de narrativas históricas e preservação da memória, afirma Sontag (2004, p. 99): “[...] a força das imagens fotográficas provém de serem elas realidades materiais por si mesmas, depósitos fartamente informativos deixados no rastro do que quer que as tenha emitido, meios poderosos de tomar o lugar da realidade”.

Sob a perspectiva da temporalidade, a fotografia assume um papel capaz de impulsionar a construção de uma memória, sendo usada para que o passado seja (re)vivido, (re)interpretado e (re)contextualizado. A fotografia, então, possui potencial mediador entre memória e tempo para atribuir significados ampliados a acontecimentos passados. Sontag (2004), apesar de realizar uma crítica ao aspecto consumista da fotografia, também discute aspectos da temporalidade da fotografia em si. Embora a fotografia seja feita para preservar momentos, provoca uma experiência sensorial de ruptura temporal. Ao analisar aspectos temporais de uma fotografia, somos confrontados com a consciência de que o momento representado por ela pertence irrevogavelmente ao passado, independente de quão pretérita seja. A fotografia passa a ser uma evidência da passagem do tempo e da inevitabilidade da mudança; é simultaneamente testemunha do passado e evidência dolorosa da inacessibilidade daquele tempo capturado; capta uma fração do tempo, mas não o para – constatação que o tempo é inexorável.

A onipresença de câmeras sugere, de forma persuasiva, que o tempo consiste em eventos interessantes, eventos dignos de ser fotografados. Isso, em troca, torna fácil sentir que qualquer evento, uma vez em curso, e qualquer que seja seu caráter moral, deve ter caminho livre para prosseguir até se completar de modo que outra coisa possa vir ao mundo: a foto. Após o fim do evento, a foto ainda existirá, conferindo ao evento uma espécie de imortalidade (e de importância) que de outro modo ele jamais desfrutaria (SONTAG, 2004, p. 12).

Ao refletir sobre categorias no tempo, Koselleck (2006) discorre sobre a perspectiva e de que maneira ela é importante para entender como enxergamos os acontecimentos ao longo da história. Examinar criticamente o papel da perspectiva na construção da imagem, dos acontecimentos passados ou das projeções sobre um futuro amplia nossa percepção sobre a influência na construção de memórias. Ele argumenta que entender a perspectiva trabalhada na construção de uma história é fundamental para a compreensão do tempo histórico. Portanto, a perspectiva é construída através de um arcabouço cultural que vai variar de acordo com o espaço, experiências e expectativas

da coletividade humana., onde [...] “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem. Com isso, porém, ainda nada dissemos sobre uma história concreta - passada, presente ou futura” (KOSELLECK, 2006, p. 306). Dessa forma, a perspectiva é uma forma de olhar para o mundo que permite uma compreensão mais profunda e complexa dos acontecimentos históricos. Ela é fundamental para a construção da identidade individual e coletiva, e também para o entendimento do tempo histórico. A perspectiva histórica de passado e futuro desempenha um papel crucial na formação da uma consciência coletiva, moldando a forma como as sociedades compreendem e interpretam o tempo.

Embora não tenha abordado o impacto da linguagem visual na construção de memórias, Koselleck (2006) traz reflexões importantes que ajudam entender o papel da fotografia como recurso visual na investigação de contextos históricos. A análise de uma fotografia sob a perspectiva do espaço vivido, bem como o seu contexto político, histórico e social, pode nos transportar de maneira mais precisa no tempo visualmente registrado. As memórias individuais e coletivas são construídas pelo espaço de experiência, influenciando, assim, a forma como as pessoas podem interpretar um registro fotográfico. A fotografia tem o poder de evocar memórias e a maneira como são interpretadas, moldando a compreensão do passado, influenciando perspectiva do tempo futuro e, assim, o curso dos acontecimentos.

Todo esse poder requer cuidados e responsabilidades. A fotografia como linguagem visual é capaz de influenciar na construção de memória. Ao refletir sobre construção de memória, Ricoeur (2007) argumenta que o seu processo de construção não é necessariamente objetivo ou infalível, como também não se trata de uma mera reprodução do passado, mas um processo complexo e dinâmico, sujeito a influências e distorções. Segundo o autor, entender aspectos da temporalidade é importante para compreensão da memória. Entre fatos selecionados e o esquecimento, é na esteira do tempo que a experiência humana ganha significados e dimensões na narrativa temporal, onde fragmentos de memória são reconhecidos e integrados, criando uma ponte entre o passado, o presente e o futuro.

Quais experiências podem ser consideradas como confirmações da hipótese da sobrevivência das impressões-afecções além de sua aparição? Neste ponto, a experiência *princeps* é a do reconhecimento; e digo em meu coração: é ele sim, é ela sim. Reconheço-o, reconheço-a. Esse reconhecimento pode assumir diferentes formas. Ela já se produz no decorrer da percepção: um ser

esteve presente uma vez; ausentou-se; voltou. Aparecer, desaparecer, reaparecer. Nesse caso, o reconhecimento ajusta – ajunta – o reaparecer ao aparecer por meio do desaparecer (RICOEUR, 2007, p. 437).

Conforme Kossoy (2020), a fotografia é uma forma de expressão cultural que registra aspectos do tempo, tais como religião, costumes, habitação e eventos sociais diversos. Nessa esteira, o fotógrafo desempenha um papel ativo na representação, uma vez que domina as técnicas de fotografia e direciona a interação por meio da imagem. No contexto de produção, o autor também destaca que o fotógrafo age como um filtro cultural. Consequentemente, o estudo das imagens fotográficas não pode negligenciar o contexto (espaço e tempo) em que foram produzidas, assim como da técnica fotográfica e da própria figura do fotógrafo. Por isso, a fotografia carrega aspectos inerentes a um observador ativo, proveniente de um contexto histórico no tempo capturado. Perante a isso, Kossoy (2020) argumenta que informações sobre a biografia do autor das imagens são parte integrante do processo de investigação.

A eleição de um aspecto determinado – isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético –, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal (KOSSOY, 2020, p. 44-45).

A fotografia transforma-se na interface mediadora para a realidade de tempos vividos, uma expressão que reflete sobre como a sociedade contemporânea se baseia em elementos visuais, para dar carga de veracidade aos acontecimentos – o que Kossoy (2020) considera perigoso se feito de maneira objetiva, sem uma análise crítica. Essa ponderação é feita com base na argumentação que comenta o fato de que cada indivíduo interpreta uma mesma imagem de forma diferente, influenciado por sua bagagem cultural e simbólica. Apesar de apontar o problema, Kossoy (2020) não apresenta um método para dar conta de entender a fotografia dentro das possibilidades de seu uso como fonte. Todavia, não nega que a representação visual da fotografia dá força à evocação de acontecimentos, à representação da história e à memória através dos tempos. Contudo, o que se pode dizer é seu destaque à importância da contextualização do processo histórico, das técnicas e tecnologias utilizadas na criação da imagem. Sendo

assim, há uma concordância com autores que orientam que o uso da fotografia deve ser orientado com base em uma sistematização de informações, avançando para apontar a relevância de distinguir a história da fotografia, a história da técnica fotográfica e a história através da fotografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia assume um papel de presença do passado no tempo presente, dada sua força de testemunho documental, influenciando as perspectivas de futuro. Mesmo sob disputa de narrativas, e garantida sua autenticidade, fotografias são evidências de algo que não se pode negar. Elas estão postas, para revelar a mentira ou a verdade. Portanto, a fotografia pode se tornar um oponente do esquecimento no tempo, colaborando para debates acerca de construção de memórias e, mesmo que estas sejam fruto de disputas, o veredito de que algo retratado em uma fotografia, como algo que nunca existiu, será descartado. Mesmo que uma fotografia seja uma falsa montagem ou tenha seu significado distorcido, ela ainda carregará a marca de expandir existências e debates acerca daquilo que é memorável. Ora, até mesmo se uma fotografia foi forjada ou é fruto de uma montagem, contribui para leitura crítica da construção da memória utilizando o recurso da linguagem visual para construção de narrativas. Mesmo ela, a falsa, servirá para revisionismo da memória perpetrada antes de descoberta sua farsa.

A fotografia como representação visual da memória pode ser uma ferramenta importante na mediação capaz de influenciar os sentidos entre passado, presente e futuro. Apesar de reconhecer que há disputas de narrativas possíveis em busca da construção de representações visuais da memória, possui a capacidade de conceder significados expandidos. É também preciso reconhecer que a fotografia está sujeita às intempéries subjetivas, ou mesmo de uma convenção coletiva que busca criar uma memória que os represente. Apesar disso, a fotografia possui um poderoso potencial de preservar a memória e documentar acontecimentos que, ao serem revelados, não se pode negar a existência, minimamente do debate. Compreender a fotografia como uma linguagem visual da memória requer sempre uma análise sensível e crítica, sempre buscando refletir a verdade do seu contexto de produção, bem como as dinâmicas sociais envolvidas, sob a perspectiva temporal dos eventos registrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Trad.: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1984.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.